

LIÇÃO 12 - A Unidade e o Ser São a Substância e o Princípio de Todas as Coisas?

TEXTO DE ARISTÓTELES Capítulo 4: 1001a 4-1001b 25

“ 266. Mas o problema mais difícil que deve ser considerado, e o que é mais necessário para o conhecimento da verdade, é se a unidade e o ser são a substância das coisas existentes, e se cada um deles não é nada mais do que unidade e ser. Ou se é necessário investigar o que o ser e a unidade mesmos são, como se houvesse alguma outra natureza que lhes subjaz.

267. Pois alguns pensam que a realidade é do primeiro tipo, e outros, do segundo. Pois Platão e os pitagóricos pensavam que o ser e a unidade não eram nada mais [do que eles mesmos], e que esta é a sua natureza, sua substância sendo simplesmente unidade e ser. Mas entre os outros filósofos [há opiniões diferentes] sobre a natureza da unidade. Empédocles, por exemplo, como que reduzindo-a a algo mais conhecido, diz que a unidade é o ser; pois ele pareceria dizer que isso é o amor, visto que esta é a causa pela qual a unidade pertence a todas as coisas. Outros dizem que essa unidade e ser dos quais as coisas existentes consistem e foram feitas é o fogo, e outros dizem que é o ar. E aqueles que sustentam que há muitos elementos dizem a mesma coisa; pois eles também devem falar da unidade e do ser de tantas maneiras quantas eles dizem haver princípios.

268. Mas se alguém sustenta que a unidade e o ser não são substâncias, seguir-se-á que nenhum outro universal o é; pois estes são os mais universais de todos. Mas se não há um-uno-em-si-mesmo ou um-ser-em-si-mesmo, dificilmente haverá quaisquer outras coisas que existam além do que são chamadas de coisas singulares. Além disso, se a unidade não é uma substância, evidentemente o número não existirá como outra realidade separada das coisas

existentes; pois número é unidades, e uma unidade é verdadeiramente algo uno. Mas se há um-uno-em-si-mesmo e um-ser-em-si-mesmo, a substância destes deve ser a própria unidade e o próprio ser. Pois nada mais é predicado universalmente de todas as coisas senão estes dois.

269. Mas, por outro lado, se há de haver um-uno-em-si-mesmo e um-ser-em-si-mesmo, há grande dificuldade em ver como haverá qualquer outra coisa além destes. Quero dizer, como haverá mais seres do que um? Pois aquilo que difere do ser não existe. Por isso, segundo o argumento de Parmênides, deve seguir-se que todos os seres são um, e que este é o ser.

270. Mas há uma dificuldade em ambos os casos; pois quer a própria unidade não seja uma substância, quer haja uma própria unidade, é impossível que o número seja uma substância. Ora, já foi dito por que isso se segue se a unidade não é uma substância; mas se ela é, a mesma dificuldade surgirá com relação ao ser. Pois a partir de algo fora do ser, algo outro será uno; pois deve ser não uno. Mas todos os seres são ou um ou muitos, cada um dos quais é um uno.

271. Além disso, se a própria unidade é indivisível, segundo o axioma de Zenão, ela será nada. Pois aquilo que, quando adicionado, não torna uma coisa maior, ou quando subtraído, não a torna menor, isso, ele diz, não pertence ao reino das coisas existentes, como se fosse evidente que tudo o que tem ser é uma quantidade contínua. E se é uma quantidade contínua, é corpóreo; pois isso em todos os aspectos é um ser. Mas outras quantidades, por exemplo, uma superfície e uma linha, quando adicionadas de uma maneira, tornarão uma coisa maior, mas de outra maneira, não; e um ponto e uma unidade não o farão de maneira alguma.

272. Mas este filósofo especula desajeitadamente, e é possível que uma coisa seja indivisível de tal modo que alguma resposta possa ser dada contra ele; pois quando algo desse tipo é adicionado, não tornará uma coisa maior, mas mais.

273. No entanto, como uma quantidade contínua poderia vir de tal unidade ou de muitas delas? Pois isso seria como dizer que uma linha é feita de pontos.

274. Mas, mesmo que alguém pensasse que a situação é tal que o número surgiu, como alguns dizem, da própria unidade e de algo mais que não é uno, ainda assim seria necessário investigar por que e como a coisa que veio a ser seria às vezes um número e às vezes uma quantidade contínua, se esse não-uno fosse a desigualdade e a mesma natureza em ambos os casos. Pois não está claro como quantidades contínuas seriam produzidas a partir da unidade e desse princípio, ou a partir de algum número e desse princípio.

Q. 14a: "Um" e "ente" são substâncias ou princípios das coisas?

488. Tendo perguntado se os princípios das coisas são os mesmos ou diferentes, o Filósofo agora pergunta como a própria unidade poderia ter a natureza de um princípio; e quanto a isso ele faz três coisas. Primeiro, ele pergunta se a própria unidade é um princípio; segundo (502), ele pergunta se os números, que surgem ou decorrem da unidade, são os princípios das coisas; e terceiro (515), se as Formas, que são certas unidades separadas, são os princípios das coisas.

Quanto ao primeiro, ele faz três coisas. Primeiro, ele levanta a questão. Segundo (489), ele apresenta as opiniões de ambos os lados ("Pois alguns pensam"). Terceiro (490), ele avança argumentos de ambos os lados ("Mas se alguém").

Ele diz, primeiro (266), que de todas as diferentes questões que foram levantadas, uma é mais difícil de considerar devido ao peso dos argumentos de ambos os lados, e que essa questão também é uma sobre a qual é necessário saber a verdade, pois nossa decisão sobre as substâncias das coisas depende dela. Agora, essa questão é se a unidade e o ente são as substâncias das coisas, não de modo que qualquer um deles deva ser atribuído a alguma outra natureza que seria informada, por assim dizer, pela unidade e pelo ente, mas sim de modo que a unidade e o ente de uma coisa sejam sua substância; ou, de maneira oposta, se é necessário perguntar o que é aquela coisa à qual a unidade e o ente pertencem propriamente, como se houvesse alguma outra natureza que fosse seu sujeito.

489. Pois alguns pensam (267)

Aqui ele apresenta as opiniões de cada lado da questão. Ele diz que alguns filósofos pensavam que a realidade era de um tipo, e alguns de outro. Pois Platão e os pitagóricos não consideravam que a unidade e o ente são atributos de alguma natureza, mas que eles constituem a natureza das coisas, como se o próprio ente e a própria unidade fossem a substância das coisas. Mas alguns filósofos, ao falar sobre o mundo natural, atribuíam a unidade e o ente a certas outras naturezas, como Empédocles reduzia o uno a algo mais conhecido, que ele dizia ser a unidade e o ente; e isso parece ser o amor, que é a causa da unidade no mundo. Mas outros filósofos da natureza atribuíam esses a certas causas elementares, seja postulando um primeiro princípio, como fogo ou ar, ou mais de um. Pois, como eles consideravam que os princípios materiais das coisas são as substâncias das coisas, era necessário que cada um desses constituísse a unidade e o ente das coisas; de modo que qualquer um que alguém considerasse como princípio, ele logicamente pensaria que através dele o ente e a unidade seriam atribuídos às coisas, quer ele postulasse um princípio ou mais de um.

490. Mas se alguém (268).

Aqui ele apresenta argumentos de ambos os lados da questão. Primeiro, ele apresenta argumentos em apoio à visão de Platão e Pitágoras. Segundo (269:C 493), ele apresenta argumentos do outro lado da questão, em apoio à visão dos filósofos da natureza ("Mas, por outro lado").

Quanto ao primeiro (268), ele usa a eliminação da seguinte forma. É necessário considerar que ou a unidade e o ente, separados e existindo aparte, são uma substância, ou não. Agora, se se diz que

a unidade e o ente não são uma substância, duas consequências insustentáveis se seguirão. A primeira delas é esta: a unidade e o ente são ditos serem os mais universais de todos, e portanto, se a unidade e o ente não são separados de modo que a própria unidade ou o próprio ente seja uma certa substância, então se seguirá que nenhum universal é separado. Assim, se seguirá que não há nada no mundo exceto coisas singulares, o que parece ser inadequado, como foi afirmado em questões anteriores (C 443).

491. A outra consequência insustentável é esta. O número nada mais é do que unidades, porque o número é composto de unidades; pois uma unidade nada mais é do que a própria unidade. Portanto, se a própria unidade não é separada como uma substância existente por si mesma, se seguirá que o número não será uma realidade separada daquelas coisas que são encontradas na matéria. Isso pode ser mostrado como inadequado à luz do que já foi afirmado acima. Daí não se pode dizer que a unidade e o ente não são uma substância que existe por si mesma.

492. Portanto, se a outra parte da divisão é concedida, que há algo que é a própria unidade e o próprio ente, e que isso existe separadamente, isso deve ser a substância de todas aquelas coisas das quais a unidade e o ente são predicados. Pois tudo o que é separado e é predicado de muitas coisas é a substância daquelas coisas das quais é predicado. Mas nada mais é predicado de todas as coisas de maneira tão universal quanto a unidade e o ente. Portanto, a unidade e o ente serão a substância de todas as coisas.

493. Mas, por outro lado (269).

Em seguida, ele argumenta o outro lado da questão; e apresenta dois argumentos. O segundo (271:C 496) deles começa onde ele diz: "Além disso, se a própria unidade".

Em relação ao primeiro, ele faz duas coisas. Primeiro, apresenta o argumento. Segundo (270:C 494), mostra como a questão se torna difícil como resultado do argumento dado ("Mas há uma dificuldade em ambos os casos").

O primeiro argumento (269), então, é o seguinte: se existe algo que é, por si mesmo, ser e unidade como algo existente separadamente, será necessário dizer que a unidade é exatamente a mesma coisa que o ser. Mas aquilo que difere do ser é o não-ser. Portanto, segue-se, segundo o argumento de Parmênides, que além do uno existe apenas o não-ser. Assim, todas as coisas terão que ser uma, porque não se poderia sustentar que aquilo que difere do uno, que é essencialmente separado, é um ser.

494. Mas há uma dificuldade (270).

Aqui ele mostra como esse argumento cria uma dificuldade no caso da posição de Platão, que sustentava que o número é a substância das coisas. Ele diz que Platão enfrenta uma dificuldade em ambos os casos, quer se diga que esse uno separado é uma substância, quer não. Pois, qualquer que seja a visão adotada, parece impossível que o número seja a substância das coisas. Pois, se for sustentado que a unidade não é uma substância, já foi afirmado (269:C 493) por que o número não pode ser considerado uma substância.

495. Mas se a própria unidade é uma substância, o mesmo problema surgirá em relação tanto à unidade quanto ao ser. Pois ou existe alguma outra unidade além desta unidade que existe separadamente por si mesma, ou não existe. E se não existe outra, uma multidão de coisas não existirá agora, como disse Parmênides. Mas se existe outra unidade, então essa outra unidade, uma vez que não é a própria unidade, deve ter como elemento material algo que é outro além da própria unidade e, conseqüentemente, outro além do ser. E esse elemento material do qual essa segunda unidade vem a ser não deverá ser um ser. Assim, uma multidão de seres não pode ser constituída a partir dessa unidade que existe separada da própria unidade, porque todos os seres são um ou muitos, cada um dos quais é um uno. Mas este uno tem como seu elemento material algo que não é nem unidade nem ser.

496. Além disso, se a unidade (271).

Aqui ele apresenta o segundo argumento; e em relação a isso faz três coisas. Primeiro (271:C 496), apresenta o argumento. Segundo (272:C 498), critica-o ("Mas isto"). Terceiro (273:C 499), mostra que a dificuldade permanece ("Contudo, como a quantidade contínua").

Ele diz primeiro (271), então, que se esta unidade separada é indivisível, segue-se disso a outra posição, que Zenão assumiu, de que nada existe. Pois Zenão supunha que aquilo que, quando adicionado não torna uma coisa maior e quando subtraído não a torna menor, é nada na ordem real. Mas ele faz essa suposição com base no fato de que a quantidade contínua é o mesmo que o ser. Pois é evidente que isto não é uma quantidade contínua — refiro-me àquilo que, quando adicionado, não torna uma coisa maior e, quando subtraído, não a torna menor. Portanto, se todo ser fosse uma quantidade contínua, seguir-se-ia que aquilo que, quando adicionado, não torna uma coisa maior e, quando subtraído, não a torna menor, é não-ser.

497. E melhor ainda, se algo particular corroborasse isso, todo ser teria que ser uma quantidade contínua corpórea. Pois qualquer coisa adicionada ou subtraída de um corpo em qualquer uma de suas dimensões torna o corpo maior ou menor. Mas outras quantidades contínuas, como linhas e superfícies, tornam-se maiores na medida em que uma dimensão é adicionada, enquanto outras não. Pois linha adicionada à linha em comprimento causa aumento no comprimento, mas não na largura; e superfície adicionada à superfície causa aumento na largura e no comprimento, mas não na profundidade. Mas um ponto e uma unidade não se tornam maiores ou menores de forma alguma. Portanto, de acordo com o axioma de Zenão, seguir-se-ia que um ponto e uma unidade são não-seres em sentido absoluto, enquanto um corpo é um ser em todos os aspectos, e superfícies e linhas são seres em um aspecto e não-seres em outro.

498. Mas isto (272).

Aqui ele critica o argumento que foi dado. Ele diz que Zenão, ao propor tal axioma, especulou "desajeitadamente", i.e., de maneira inábil e rústica, de modo que, segundo ele, não pode existir nada indivisível. E por esta razão, alguma resposta deve ser dada ao argumento anterior; e, se não ao ponto em questão, pelo menos ao homem. Agora dizemos que, embora uma unidade, quando adicionada a algo, não o torne maior, ela o faz ser mais. E é suficiente para a noção de ser que, no caso do que é contínuo, ela torne a coisa maior, e, no caso do que é discreto, torne-a mais.

499. Contudo, como (273).

Então ele expõe a dificuldade que ainda enfrenta os platônicos após a solução acima. E apresenta duas dificuldades. A primeira é que os platônicos sustentavam que o uno que é indivisível é a causa não apenas do número, que é uma pluralidade, mas também da quantidade contínua. Portanto, se é concedido que quando um uno é adicionado ele torna a coisa mais, como pareceria suficiente para o uno que é a causa do número, como será possível que a quantidade contínua venha de um uno indivisível deste tipo, ou de muitos desses unos, como os platônicos sustentavam? Pois isso pareceria ser a mesma coisa que sustentar que uma linha é composta de pontos. Pois a unidade é indivisível assim como um ponto é.

500. Mas mesmo que alguém (274)

Aqui ele apresenta a segunda dificuldade. Ele diz que, se alguém pensasse que a situação é tal que o número resulta do uno indivisível e de algo mais que não é uno, mas participa do uno como uma espécie de natureza material, como alguns afirmam, ainda restaria a questão de por que e como aquilo que provém do uno como forma e de outra natureza material, chamada de não-uno, é às vezes um número e às vezes uma quantidade contínua. A dificuldade seria mais aguda se esse não-uno material fosse a desigualdade, como está implícito no continuamente extenso, e fosse a mesma realidade. Pois não está claro como os números vêm dessa desigualdade como matéria e do uno como forma; nem está claro como as quantidades contínuas vêm de algum número como forma e dessa desigualdade como matéria. Pois os platônicos sustentavam que o número vem de um uno primário e de um dois primário, e que a partir desse número e da desigualdade material, a quantidade contínua é produzida.

501. A solução desse problema é tratada por Aristóteles nos livros seguintes. Pois o fato de que existe algo separado, que é ele mesmo uno e ser, ele provará abaixo no Livro XII (2553), quando estabelecer a unidade do primeiro princípio, que é separado em sentido absoluto, embora não seja a substância de todas as coisas que são unas, como pensavam os platônicos, mas é a causa e o princípio da unidade de todas as coisas. E na medida em que a unidade é predicada de outras coisas, ela é usada de duas maneiras. De um modo, ela é intercambiável com o ser, e dessa forma cada coisa é uma por sua própria essência, como é provado abaixo no Livro IV (548); e a unidade nesse sentido não acrescenta nada ao ser, exceto meramente a noção de indivisibilidade. A unidade é usada de outro modo na medida em que tem o caráter de uma primeira medida, seja em sentido absoluto, seja com respeito a algum gênero. E essa unidade, se é tanto um mínimo em sentido absoluto quanto indivisível, é o uno que é o princípio e a medida do número. Mas se não é tanto um mínimo em sentido absoluto quanto indivisível, não será uma unidade e medida em sentido absoluto, como uma libra no caso dos pesos, um semitom no caso das melodias e um pé no caso dos comprimentos. E nada impede que quantidades contínuas sejam compostas desse tipo de unidade. Ele estabelecerá isso no Livro X (1940) desta obra. Mas porque os platônicos pensavam que o uno que é o princípio do número e o uno que é intercambiável com o ser são o mesmo, eles sustentaram, portanto, que o uno que é o princípio do número é a substância de cada coisa e, conseqüentemente, que o número, na medida em que é composto de muitos princípios substanciais, constitui ou compreende a substância das coisas compostas. Mas ele tratará dessa questão mais extensamente nos Livros XIII e XIV desta obra.

Revision #3

Created 7 September 2026 16:40:41 by Admin

Updated 13 September 2026 14:00:54 by Admin